

## Rubem Alves, um Pensador Calidoscópico<sup>1</sup>

*Regis de Morais, Ph.D.<sup>2</sup>*

Início as páginas deste escrito deixando claro que aqui se terá um ensaio que será também um testemunho. Este autor sempre teve dificuldade de escrever sobre Rubem Alves de forma assepticamente acadêmica. Eis por que considero as seguintes páginas não mais que uma proposta à coordenação desta obra coletiva.

Se posso dizer assim, começarei um pouco antes do começo.

Em 1889, a cidade paulista de Campinas enfrentava um terrível momento pré-apocalíptico. Era, em tal local uma assustadora invasão de febre amarela; tão assustadora que no final da epidemia restaria vivo apenas um terço da população campineira. Ora, em 1862 o protestantismo presbiteriano fora trazido para o Brasil pelo missionário Ashbel Green Simonton, enfrentando severas contendas com o catolicismo há muito dominante. Para as cidades de São Paulo e Campinas, veio, não muito tempo depois, importante novo grupo de missionários como, por exemplos: Samuel Rhea Gammon, George Nash Morton e Edward Lane, entre outros.

Conquanto não lhes faltassem recursos materiais e dedicação real à sua causa, tais religiosos viram-se sem possibilidade de continuarem expondo-se à febre amarela. Assim, com seus recursos partiram, por caminhos ignotos, quilômetros e quilômetros em busca de algum lugar onde não houvesse a terrível epidemia. Foram até o Oeste de Minas Gerais, onde encontraram uma então pequena cidade, à época chamada Lavras do Funil (hoje apenas Lavras). Mágicas forças os levaram, pois que em Lavras realizaram muito importante e criativo trabalho: religioso, cultural e propriamente comunitário. Dos seus ideais principalmente resultaram excelente colégio Instituto Gammon – para meninos e rapazes – e o igualmente excelente Instituto Carlota Kemper – para meninas e moças. Para além de instituírem as primeiras igrejas presbiterianas, não muito mais tarde criaram também a Faculdade de Agronomia de Lavras.

Seja desculpada esta digressão histórica. Afinal, foi no Instituto Gammon que este autor foi aluno de Rubem Alves: um aluno de 17 anos ante um professor de 26 anos – mestre que já nos encantava com suas ótimas aulas; e o mestre era, ao lado do Reverendo Francisco Penha Alves, pastor na Igreja Central Presbiteriana de Lavras. Quando poderia imaginar, o aluno adolescente, que teria com Alves uma fraterna amizade por mais de quatro décadas. Fomos colegas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) até nossas aposentadorias.

### 1. A trajetória de uma diversidade.

Em um livro de vários autores, intitulado *O que eles pensam de Rubem Alves* (Paulus Editora, 2007), participei com um breve ensaio (“O pensamento social de Rubem Alves”). Naquelas páginas, fundamentado em conversas nossas, escrevi sobre o doce e trágico heroísmo da adolescência alvesiana; assim escrevi ali:

---

<sup>1</sup> Ensaio redigido por ocasião da fundação da Sociedade Internacional Rubem Alves – SIRA.

<sup>2</sup> Professor titular aposentado da UNICAMP, Livre-docente e doutro em Filosofia da Educação, filósofo e sociólogo. Contato: [flaviadcmorais@yahoo.com.br](mailto:flaviadcmorais@yahoo.com.br).

Rubem Alves teve uma fase delicada de heroísmo fundamentalista. Talvez, todos os medos da adolescência levaram-no àquela religiosidade a um tempo assustada e arrogante dos fundamentalismos. O próprio Alves diz que o discurso fundamentalista não comporta interrogações; é muito mais de afirmações e exclamações, como se uma alma cheia de lacunas e dúvidas se protegesse com a carapaça das falsas certezas. (*Op. cit.*, p. 97).

Observei, ali, que Alves – em sua esclarecida maturidade – compreendia claro que a alienação piedosa que vivera havia sido momento necessário de sua existência. “Talvez como o pássaro que até conseguir voar imagina que o mundo se resumia ao seu ninho.” (*Ibid.*, p. 78).

Seu pai o queria engenheiro. Mas, a vida escolhe o bom uso dos talentos. Assim, bem jovem, Rubem Alves se desloca do Rio de Janeiro para Campinas e, ali, inicia formação no Seminário Presbiteriano do Sul, onde deslumbra-se com o conhecimento, indireto ou direto, de pensadores como Oscar Cullman, Paul Lehman, Richard Shaull, Dietrich Bonhoeffer, Paul Tillich e outros. Com Shaull desperta para as imensas contribuições das Ciências Sociais. Na mesma cidade, vai fazendo sua formação artística em curso de piano.

Seria “chover no molhado” aqui voltarmos a cuidar do incomum brilhantismo de Alves, o qual marcou sua maturidade até sua inevitável partida deste mundo. Será mesmo o tema da *diversidade* que me empolgará nestas despreziosas páginas: a abertura, de inteligência e sentimento, do Rubem Alves que marcou época em nosso país e fora deste. O teólogo, o analista social, o cronista, o pianista, o filósofo e o escritor de livros infanto-juvenis – todas estas criaturas em uma única, são aspectos consabidos do Rubem. Buscarei possibilidade de, no tema mesmo da *diversidade*, explorar aberturas menos conhecidas do ser humano aqui em foco.

Antes porém, relembrar meu pasmo ante algumas notáveis obras – talvez mais em sociologia da religião – tecidas com grande elegância na verdade, em campos filosófico e sociológico; escritos isentos de belicosidade barata, mesmo após ter sofrido má vontade e perseguições do próprio meio presbiteriano no qual, como vimos, foi pastor. Já no início da década de 1980 (em janeiro), seu livro intitulado *Protestantismo e repressão* (Ática), publicado em 1979, mereceu avaliações críticas em periódicos como as revistas *Veja* e *Isto É*, as quais consideraram-no um dos dez livros mais importantes da década de 1970. Novos comentários de alta apreciação foram feitos acerca das suas obras posteriores: *Dogmatismo e tolerância* (Paulus, 1982), *O suspiro dos oprimidos* (Papyrus Edit., 3ª ed., 1984). São textos de alta qualidade e quase nenhuma ofensividade direta aos que, no âmbito presbiteriano, maltrataram o pensador em foco.

Ora, não só sua competência criativa, mas esta competência traduzida por sua sensibilidade poética, foi encantamento para o meio culto de Dubrovnik (antiga Iugoslávia), assim como impressionou ingleses em Oxford, o mesmo ocorrendo no meio acadêmico italiano e também entre intelectuais argentinos (em Buenos Aires). Nos Estados Unidos, seu pensar foi acolhedoramente recebido em Princeton (Nova Jersey) e em Nova Iorque. Isto tudo enquanto Rubem continuava o bom amigo de seus amigos – chamando o autor destas páginas de “mano” e “meu irmão”. (Perdoem-me apresentar Alves com o coração e com a mente; até mais com a afetividade).

Um pouco adiante precisarei contar duas especiais passagens que entre nós aconteceram, com translúcida espontaneidade. Afinal, de início anunciei que o presente escrito levaria a preceito a convicção deste autor de que *cognição* e *emoção* são coisas complementares, embora tantos prefiram a estrita racionalidade analítica. Neste nosso momento histórico um tanto desidratado, e outro tanto mesmo descarnado, fica redobrado o prazer de, com verdade, escrevermos com análise e encanto dos que merecem. Sigamos então.

## 2. Duas passagens analítico-testemunhais.

Sobre a especial sensibilidade artística de Rubem, preciso registrar algo ocorrido, há 34 anos, quando fui orientando de Doutorado do Rubem Alves. Quis assistir a uma disciplina dada por ele, no campo de *filosofia da linguagem*. Desnecessário dizer que e houvera sido excelente acompanhar suas aulas.

Ocorre que, surpreendentemente, numa das últimas aulas, Alves solicitou que todos escrevessem breve ensaio ou artigo sobre o global tratado, deste destacando o aspecto que parecera aos doutorandos a abordagem mais atraente. Disse Rubem: “Do Regis de Morais não quero texto acadêmico. Quero, isto sim, um poema sobre Educação”; e o autor destas páginas pensou que ele estivesse brincando, embora o mestre sempre se mostrasse muito apreciador da nossa poética. Alves me disse: “Não estou brincando. De você quero um poema”. Pensei: “Só o Rubem mesmo!” Dias depois, como fora pedido, entreguei-lhe um poema. Seu título: “As carnes do espírito: educação dos sentidos – educação dos sentimentos” (*in* Vários autores, *Sala de aula: que espaço é esse?*, Papyrus, 9ª ed., 2015).

Ousarei expor aqui apenas trechos do poema para que não ganhe ar de exibicionismo, e para focalizar a grande sensibilidade do mestre. O texto poético é longo, portanto, trechos apenas.

Houve um tempo de horas conhecidas  
de rostos definidos, felizes em suas casas,  
o mundo esperando esperanças  
no verde das cidades (ainda)  
e se construindo por dentro nas lavouras  
- sangue e força que viriam.  
As mulheres poliam estampas do Sagrado Coração,  
socavam nos pilões o arroz, o amendoim,  
adornavam a parede como antes  
enfeitaram de silêncios os seus corpos.  
Cozinhando, esperavam suas crianças crescerem  
para a promessa da vida  
e para os fornos do progresso.  
Tempo em que seus homens  
retornando cansados de viagens e trabalhos  
diziam a elas: “o mundo está verde,  
as andorinhas arranham o azul,  
há trabalho e comida e filhos são.  
Por isto, vamos mais cedo para a cama.  
Celebraremos com nossas carnes  
uma felicidade que ainda podemos inventar.  
Nesse tempo  
crianças gritavam seu primeiro grito  
na vida, e o mundo se estremecia em promessas.  
No entanto, não podemos mais educar  
para tempos assim.  
Portões de ferro separam-nos da rua  
na qual tememos que as crianças brinquem.  
Nossa voz fanhosa – voz fantástica –  
despede as crianças para a escola  
pelos porteiros eletrônicos: “Vão com Deus. Cuidado”.

Assim era introduzido o poema, que contemplava tempos difíceis, desafiadores. Mais adiante, prosseguia o poema:

Emocionar os rostos mortos

incendiá seus traços. O discreto combate  
contra o tédio de um mundo só pensado. Crianças:  
escrevam escritos de alegrar, de entristecer,  
de aquietar e ferver. Digam simplesmente  
a simplicidade do instante,  
tal como seus corpos o recolhem.

E mais para o encerramento da peça poética, transcrevo poucos versos. Versos assim:

A tarefa divina de educar para o espanto  
foi posta aos nossos pés  
para que a regássemos com lágrimas  
dando-lhe o cuidado  
que damos a essa coisa vítrea  
que é viver.

Para aquilatar-se a sensibilidade de Alves, era preciso que todos pudessem ter visto sua emoção ao ler tal poema – sobretudo ao lê-lo em sua íntegra. Víamos que o mundo humano, todo este, mesmo com suas dores e dificuldades, simplesmente apaixonava Rubem Alves.

Esta é uma passagem na qual arrisquei-me com trechos de um poema que, em livro, foi dedicado ao Professor Rubem Alves. À sua sensibilidade artística, bem como à sua noção educacional neste tempo difícil.

Uma segunda passagem se deu em uma nossa noite de agradável prostrar, no final dos anos 1970. Disse ao Alves que eu estava com uma incumbência que me estava sendo difícil. Um centro universitário do Vale do Paraíba (Lorena, SP) pedira-me que obtivesse uma boa entrevista sobre os trajetos da ciência moderna e da contemporânea; Rubem perguntou: “Você quer experimentar entrevistar-me?” Disse-lhe obviamente que sim. Ele providenciou um gravador e, a tal entrevista, iniciada por volta da meia-noite, só terminou às duas horas da madrugada. Não tínhamos preparado nada previamente e, no entanto, junto com uma que eu houvera feito com o Dr. Alceu Amoroso Lima (nosso Tristão de Athayde), foram as ideias de mais alto nível que obtive. Custava-me crer que, como disse, nada tínhamos preparado com antecedência.

Minhas perguntas foram poucas, mas Rubem Alves fez uma preciosa progressão de ideias e personagens, a qual começava ainda na Idade Média (século XIII) com o monge franciscano Roger Bacon, o qual já praticava experimentalismo, um tanto às escondidas por receio dos rigores clericais ainda ao sabor da Inquisição. Ao chegar a Galileu Galilei sua exposição cintilava na madrugada, também abordando com riqueza as teorizações de Francis Bacon. Com extrema clareza ele expôs o racionalismo – para a época inovador – de René Descartes, e as transposições do racionalismo cartesiano para a Astrofísica, feitas pela genialidade do britânico Sir Isaac Newton.

Nessa altura, Alves lembrava a criação do “mito da razão absoluta”, que haveria de empolgar pensadores e cientistas nos próximos séculos. A razão capaz de resolver, de modo total, a problemática do conhecimento humano. Conversando, lembramo-nos do filósofo Paul Roubiczek, o qual anotou em sua obra sobre o Existencialismo (*El existencialismo*, Editorial Labor de Barcelona, p. 09), que atribuir poderes tão absolutos à RAZÃO é algo irracional. Rubem Alves, descrevendo o vasto período cartesiano-newtoniano, abriu em nossos entendimentos um espaço para algo legível em obras suas quanto ao racionalismo cientificista e seus prejuízos impostos à fé em campo religioso.

Andamos pela madrugada na companhia de Iluministas como Jean-Jacques Rousseau e outros tantos e, no século XIX, o seu cientificismo ao estilo de um Ernest Renan foi a estrada seguida pelo Rubem. Este pensador (um tanto pelas mãos luminosas de Max Planck) adentrou o vigésimo século da era cristã, analisando múltiplos aspectos de influência da Física

Quântica em vários setores do geral científico e também tecnológico. Total que, dessa nossa conversa/entrevista resultou um texto gravado de muito valor. Ocorre que Alves não ficava no óbvio, descortinando caminhos de análise muitas vezes surpreendentes.

### 3. Religião, utopia e literatura.

Bem que o presente autor quisera poder atirar-se à vastidão das produções de Rubem Alves, em seus aproximadamente cem livros publicados, mais DVDs gravados. Porém, sendo este um livro de vários autores, há necessidade de ocuparmos cuidadosamente, um espaço limitado – devidamente estabelecido pelos organizadores desta obra.

O antropólogo Edward M. Bruner (Universidade de Stanford), em seu texto intitulado “O *approach* psicológico na Antropologia” (*Panorama da Antropologia*, 1966) oferece-nos a seguinte afirmação:

... cada homem é, em certos aspectos, como *todos* os outros homens; como *alguns* outros homens; como *nenhum* outro homem.

Fascina-nos a forma enxuta com a qual Bruner assinala três reais dimensões humanas: a de *humanidade*, de *culturalidade* e de *individualidade*. Cito tal passagem porque Rubem é ser humano e pensador que nos exhibe, com riqueza, a tridimensionalidade que todos encarnamos, mas nem todos reconhecemos. Suas obras (escritas e faladas em conferências) aparecem traduzidas em vários idiomas; sua brasilidade de modo nenhum está ausente de seus brilhos e ousadias; e sua individualidade é a dialética de uma unidade plural – concordemos ou não com seu pensar.

A multiplicidade de suas expressões humanas e culturais vai, de livros acadêmicos ao encantamento infanto-juvenil, um tanto ao modo de Saint-Exupéry.

Entendemos que, nessa pluralidade, destacam-se principalmente os escritos sobre religião, sobre esperança utópica e – não “sobre”, mas “de” fina literatura – em diferentes expressões.

Este autor ensaísta nem sempre concordava com as ideias de Rubem, e parece que isto aumentava nossa convivência solidária. Alves e nós éramos apaixonados pela diversidade que caracteriza o mundo e o existir. Sempre houve entre nós liberdade para concordâncias admirativas e para discordâncias plenas de respeito mútuo. Ora, o autor aqui em estudo dedicou-se, com muita atenção, ao notável Émile Durkheim, especialmente em sua ampla e profunda pesquisa *As formas elementares da vida religiosa*. Rubem, em seu livro-de-bolso, pequeno apenas no tamanho físico (*O que é religião*, coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1981), dá a palavra a Durkheim assim:

Não existe religião alguma que seja falsa. Todas elas respondem, de formas diferentes, a dadas condições da existência humana. (*In* Alves, op. cit., p. 52).

E novamente, pouco adiante, beneficia-se da sabedoria durkeimiana transcrevendo:

Diz-se que a ciência, em princípio, nega a religião. Mas a religião existe. Constitui-se num sistema de fatos dados. Em uma palavra: ela é uma realidade. Como poderia a ciência negar tal realidade?

Ora, trabalhando com abertura com vários pensadores como: Durkheim, Ludwig Feuerbach, Kierkegaard, e mesmo com Karl Marx e Friedrich Engels, bem como com Sigmund Freud, deixa-nos admirados com a desenvoltura de suas análises, nunca banalmente repetitivas desses pensadores históricos. A tessitura de suas páginas mostra-se muito própria, translucidamente alvesiana. Estas não são percepções apenas deste ensaísta, mas expostas antes

por figuras intelectuais como: Roger Garaudy, Battista Mondin, Harvey Cox, Richard Shaull e tantos outros.

Bem numerosas e apreciadas são as obras de Rubem Alves sobre filosofia e sociologia da religião; na verdade nunca sentimos os escritos de Alves tão entusiasticamente dedicados à teologia. Mesmo após experiências negativas com seus próprios correligionários presbiterianos, o autor aqui em estudo inicia ensaio de seu livro *Dogmatismo e tolerância* (pp. 09-13), com as seguintes fortes autodefinições:

Memórias não podem ser esquecidas. O passado, uma vez vivido, entra em nosso sangue, molda o nosso corpo, escolhe nossas palavras. É inútil renegá-lo. (...) Sou protestante. Sou porque fui. (...) Minha história não me deixa outra alternativa. Sou o que sou em meio às marcas do passado. Mesmo que eu não quisesse, este passado continuaria a dormir comigo, assombrando-me às vezes com pesadelos e fúria, às vezes fazendo-me sonhar coisas ternas e verdadeiras. (...) Sou protestante.

Criticando certo racionalismo cientificista, Alves, como se pode ver, defende o papel existencial das religiões em suas mais variadas expressões em múltiplas plagas do mundo. Entende mesmo o autor aqui em estudo que a imaginação religiosa é o sustentáculo das principais esperanças humanas. U TOPOS (que, no idioma grego dá origem à palavra *utopia*), não tem voz de futuro, significando apenas “aquilo que AINDA NÃO teve lugar”. No sentido de que o nosso mundo não *é*; ele *está sendo*. Rubem, sem fugir a realismos necessários, parece-nos um utopista lúcido; tanto que, em seu livro *Hijos del mañana* (em inglês *Tomorrow's Child*, 1974), Alves escreve:

Por que é tão importante conservar-se a esperança? Porque sem a esperança, o bem ficará diluído no estado de coisas atual, ou acabará sendo devorado pela loucura. (Tradução livre).

Adiante o pensador pondera:

O que é esperança?  
É o *presentimento* de que a *imaginação* é mais real e que a *realidade* é menos real do que parece. A esperança é a *convicção* de que a confusa brutalidade de fatos que a oprimem e a reprimem não há de ter a última palavra. (*Ibid.*, p. 219).

E mais: unindo esperança e fé, Rubem escreve:

A esperança é o escutar a melodia do futuro. A fé é o dançá-la. (*Ibid.*, p. 221).

Então, em momento de elevação e poesia, Alves escreve:

Aplicamos o estetoscópio no ventre do nosso presente momento histórico com a esperança de chegarmos a ouvir as batidas do coração de um nenê, e não ouvimos absolutamente nada. Isto não significa necessariamente que não exista evento criador em marcha, senão que nosso estetoscópio pode não funcionar devidamente. (*Ibid.*, p. 221).

Quem aprecia de fato nobre literatura, ao ler passagens como as acima transcritas, se vê tocado pela beleza estilística característica de Rubem Alves. O que nos faz lembrar a última entrevista concedida pelo escritor argentino – autor de *O beijo da mulher aranha* – Manuel Puig, em que este falecido literato disse: “Os autores têm vários direitos; menos o direito de cacetear seus leitores”.

Para além de Rubem Alves ter sido um pensador que marcou o Brasil e outros muitos países, este, à feição de um José Ortega y Gasset ou de um Albert Camus, encantava o público leitor com a nitidez e a beleza de seu estilo.

### Considerações finais.

Na América Latina, a partir da década de 1960, um importante movimento religioso eclodiu, tendo recebido o nome “Teologia da Libertação”. E isto principiava enquanto Alves, na Universidade de Princeton, concluía sua tese doutoral que inicialmente foi encaminhada à editora Corpus Books de Washington com o título *Uma teologia da libertação*. Ocorreu que nos Estados Unidos da América não se conhecia nome assim, estando mais em voga a expressão teologia da esperança; por razão como esta, o livro alvesiano foi publicado em primeira edição, com o título *A theology of human hope* (1969). (Washington: Ed. Corpus Books).

Deu-se que, a partir de 1968 e por ótima influência do Papa Paulo VI, fora convocada a Conferência Episcopal de Medellín (Colômbia), a qual ensejou que todo o bispado católico da América Latina se voltasse, com quase totalidade, para os aspectos de pobreza deste nosso continente. Pela mesma ocasião, o movimento católico viu-se enriquecido pela obra do protestante Rubem Alves. Das figuras humanas destacam-se mais: Gustavo Gutiérrez, colombiano do meio católico, e Rubem Alves, brasileiro da vertente protestante.

Era este um momento humanamente rico, contando com Dom Cândido Padin, Dom Helder Câmara, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto e muitos outros. Ora, o grande escritor italiano Battista Mondin afirmaria, em seu livro, *Os teólogos da libertação* (de 1980, SP: Edições Paulinas) que, sem dúvida, ainda que de vertente protestante, Rubem Alves fora o principal pioneiro da teologia da libertação. Observou Mondin que o livro de Rubem Alves, na Corpus Books, sofreu em seu título influência de uma apreciada obra de Jurgen Moltmann intitulada Teologia da Esperança.

O que não devemos e mesmo não podemos é esquecermo-nos da pujança do pensamento alvesiano junto ao enorme movimento, mundialmente estudado, da conhecida “teologia da libertação”. Em seminário apresentado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do qual participamos Leonardo Boff, Rubem Alves e o autor deste ensaio, foi possível palpar sensivelmente a amplitude e a profundidade dos teóricos Boff e Alves.

Viajando pela Europa foi-nos possível constatar o prestígio – justíssimo por sinal, no que respeita a estudos religiosos e educacionais – de Paulo Freyre, Leonardo Boff e Rubem Alves. Quanto a mim, autor destas páginas, empregaria para minha amizade de décadas com Rubem, o termo que li, por primeira vez, em L. Boff: “fraternura”.

E repito: nem sempre concordávamos em troca de ideias, mas a recíproca admiração, o recíproco respeito jamais faltaram. Resta-nos, então, agradecermos cordialmente nossa modesta participação no conjunto coletivo desta obra.

### Referências

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: ÁTICA, 1979.

\_\_\_\_\_. *A theology of human hope*. Washington: Corpus Books, 1969.

\_\_\_\_\_. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: PAULUS, 1982.

\_\_\_\_\_. *Hijos del Mañana*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1975.

\_\_\_\_\_. *O enigma da religião*. Campinas: Papyrus, 1984.

\_\_\_\_\_. *O que é religião*. São Paulo: Edit. Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MONDIN, Battista. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

MORAIS, Regis de. *Os bispos e a política no Brasil*. São Paulo: Cortez Ed./Autores Associados, 1982.

NUNES, Antônio Vidal (Org.). *O que eles pensam de Rubem Alves*. São Paulo: PAULUS Editora, 2007.

ROUBICZEK, Paul. *El existencialismo*. Barcelona: Editorial Labor, 1970.

TAX, Sol. (Org.). *Panorama da Antropologia*. Fundo de Cultura: Brasil/Portugal, 1966.

VV.AA. *Sala de aula: que espaço é esse?* 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2015.